

# Letramento literário via web: um paralelo entre a bookinfluência e a sala de aula

*Helen Vanessa Couto Silva (UEFS)\**

<https://orcid.org/0000-0003-2724-6214>

*Flávia Aninger de Barros (UEFS)\*\**

<https://orcid.org/0000-0002-3819-9137>

## Resumo:

Este estudo buscou explorar as possibilidades de aprendizado literário no ambiente online para promover a habilidade de leitura e o pensamento crítico, com foco nos métodos utilizados por bookinfluencers, que influenciam significativamente os jovens leitores. A pesquisa foi fundamentada nos trabalhos de Cosson (2014/15/18), Magda Soares (2002/05/09) e Ângela Kleiman (1996/2005/06). Analisamos perfis de influenciadores literários na web e suas experiências em atrair novos leitores. Investigamos como as técnicas de aprendizado dos bookinfluencers podem ser aplicadas em contextos educacionais. Observamos as estratégias desses influenciadores e propusemos a adaptação de algumas para transformar a dinâmica pedagógica. Nossa metodologia envolveu a coleta de dados por meio de análise qualitativa de conteúdos online, visando entender o impacto dessas práticas no engajamento e na habilidade de leitura dos alunos. Os resultados indicam que integrar elementos digitais e interativos, inspirados nas práticas dos bookinfluencers, pode aumentar significativamente o engajamento dos estudantes e aprimorar suas habilidades de leitura. A implementação dessas estratégias em ambientes educacionais mostra-se promissora para aproximar os alunos da leitura de maneira mais dinâmica e conectada com suas realidades digitais.

**Palavras-chave:** Letramento Literário; Letramento na Web; Ensino de Literatura; Letramento Digital; Redes Sociais.

## Resumé:

### **Alphabétisation littéraire via le Web : un parallèle entre l'influence du livre et la salle de classe**

Cette étude visait à explorer les possibilités de l'apprentissage littéraire dans l'environnement en ligne pour promouvoir les compétences en lecture et la

\* Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Graduada em Letras com Francês pela Universidade Estadual de Feira de Santana, 2022. <http://lattes.cnpq.br/3595734753721410> - [vanessahcouth@gmail.com](mailto:vanessahcouth@gmail.com)

\*\* Doutora em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (2009). Professora adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana. <http://lattes.cnpq.br/9130941856755320> - [flavianinger@gmail.com](mailto:flavianinger@gmail.com)

pensée critique, en se concentrant sur les méthodes utilisées par les influenceurs du livre, qui influencent considérablement les jeunes lecteurs. La recherche s'est basée sur les travaux de Cosson (18/15/2014), Magda Soares (09/05/2002) et Ângela Kleiman (06/1996/2005). Nous avons analysé les profils d'influenceurs littéraires sur le Web et leurs expériences pour attirer de nouveaux lecteurs. Nous avons étudié comment les techniques d'apprentissage des bookinfluenceurs peuvent être appliquées dans des contextes éducatifs. Nous avons observé les stratégies de ces influenceurs et proposé d'en adapter certaines pour transformer la dynamique pédagogique. Notre méthodologie impliquait la collecte de données grâce à une analyse qualitative du contenu en ligne, visant à comprendre l'impact de ces pratiques sur l'engagement et la capacité de lecture des étudiants. Les résultats indiquent que l'intégration d'éléments numériques et interactifs, inspirés des pratiques des influenceurs du livre, peut augmenter considérablement l'engagement des étudiants et améliorer leurs compétences en lecture. La mise en œuvre de ces stratégies dans les environnements éducatifs s'avère prometteuse pour rapprocher les élèves de la lecture d'une manière plus dynamique et connectée à leurs réalités numériques.

**Mot-clés:** Alphabétisation littéraire ; Connaissance du Web ; Enseignement de la littérature ; Littératie numérique ; Réseaux sociaux.

## Considerações iniciais

Atualmente, muitos leitores se formam através do ambiente digital, principalmente o público infantil e juvenil. Os jogos on-line trazem consigo um universo repleto de histórias sobre os personagens. Para além disso, há ainda os jogos interativos em que o próprio jogador monta a história de seus personagens. Essas movimentações do sujeito leitor dentro da web dá margem para que jovens e crianças deixem a imaginação fluir a ponto de criarem as suas próprias histórias envolvendo a esses personagens, ou não, e chamamos essas histórias de *fanfics*. As *fanfics* são ficções feitas pelos fãs de alguma narrativa ou celebridade (seja série, jogos, famosos, livros etc.). Esses fãs adaptam ou criam histórias baseadas em seus gostos, construindo ou reconstruindo uma narrativa. Como exemplo, temos o grande sucesso *50 Tons de Cinza* que começou como uma *fanfic* de *Crepúsculo*. Para auxiliar na pu-

blicação dessas histórias, temos o *Wattpad*, um aplicativo de livros feitos pelos próprios usuários. Dentro do *Wattpad*, é possível se envolver bastante com a literatura nacional e com a leitura de autores desconhecidos. O sucesso que tais autores conseguem dentro desses aplicativos são observados por editoras, que acabam por publicar esses títulos. Esse movimento de descobrimento de boas histórias é mundial e além de *50 Tons de Cinza*, também temos *After*, *A Barraca do Beijo*, *Lost Boys* (que apesar do nome em inglês, foi escrito por uma brasileira), *Diário de Uma Escrava*, *Por Você* etc.

Além das *fanfics*, na web existem também os grupos de leitura e esses ajudam a ter uma visão mais ampla de muitos livros conhecidos e desconhecidos. Clubes como o *Skoob* e a *TAG*, tratam de livros novos e autores novos e abrem espaço, por meio de aplicativos, para que seus leitores possam

conversar, resenhar e opinar, entre si, sobre as suas leituras. Sendo assim, a leitura na web estabeleceu um mundo de novas possibilidades para o ato de ler, um local que até então era inexplorado e que abrangeu, principalmente, aqueles leitores solitários, que vivem em comunidades que não possuem o hábito de ler ou que na cidade em que moram nem livraria tem. O novo mundo que tratamos aqui

Essa pesquisa nasce como uma forma de retratar um pouco da influência que a web tem no letramento e na formação do sujeito leitor em meio a juventude. Não é incomum nos depararmos com uma realidade na qual a maioria das pessoas tem dificuldade com a leitura e dessa dificuldade nasce a famigerada frase: “eu não gosto de ler”, que podemos interpretar como um pedido de socorro, um grito que diz “eu não consigo ler”.

Essa dificuldade generalizada pode ser comprovada pelo PISA, Programa Internacional de Avaliação de Estudantes que, em 2018, foi aplicado para 600 mil estudantes ao redor do mundo, sendo 10.691 participantes do Brasil (a contar do 7º ano) e foi aplicado em 597 escolas da rede pública e privada. O resultado do Brasil na competência de leitura foi de 413 pontos, sendo que o PISA tem como pontuação básica para esse domínio o valor de 400. Vale ressaltar que a nota do Brasil em 2009, na mesma competência, foi de 412. Este resultado indica que o nosso progresso é bastante lento e que há muito a fazer na educação brasileira, especialmente no campo da competência leitora.

Ainda que a maioria dos adolescentes e jovens passem boa parte do dia conectados à internet, mais precisamente 10h19 min. de acordo com a investigação do *Digital 2022: Global Overview Report*, estudar conectado não é uma tarefa fácil, seja para discentes e/ou docentes. De um lado, temos o

costume arraigado de aprender presencialmente, com professores e colegas ao lado e um ambiente supostamente propício para o aprendizado; de outro, temos uma realidade caótica, que traz várias incertezas e põe o estudante e o professor fora do local habitual de estudos, forçando-os a ambientar-se para conseguir estudar, sem contar que, para muitos educandos, o espaço virtual é visto apenas como um local de lazer.

Ao longo dos últimos anos, foi possível notar um aumento de perfis no *Instagram*, *Tiktok* e *Youtube* que foram criados para falar de ciência e educação, ou passaram a falar desses temas, bem como da leitura de livros. Aqueles que se dedicam a falar desses temas em suas redes são nomeados *booktubers*, *bookstans* ou *booktokers*. Esse movimento tem levado aos jovens e adolescentes curiosidades sobre livros e estimulam a autonomia para discutir questões sobre literatura, como por exemplo, o uso de clássicos na sala de aula, que muitas vezes é motivo de discussão no *Twitter*.<sup>1</sup>

Em virtude desse novo panorama de leitura e divulgação literária que nos é apresentado através do cyberspace, um outro formato de letramento literário está sendo formado com esse movimento: o letramento via web. Desse modo, esse trabalho tem a intenção de refletir sobre as novas formas de letramento literário através da interação na internet e responder: como utilizar as técnicas de letramento usadas pelos bookinfluencers dentro da web em sala de aula? Assim sendo, aplico, e convoco para reflexão, uma frase do Mario Quintana que amo, “Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Livros só mudam as pessoas”.

1 Em 24 de julho de 2023 a rede social “Twitter” teve seu nome modificado para “X”. A mudança ocorreu porque a plataforma foi comprada pela empresa de tecnologia “X Corp.”.

## O Brasil e a leitura

Para iniciarmos este tópico, precisamos refletir sobre o conceito de leitura. Conforme Paulo Freire (2011), o ato de ler começa muito antes da criança aprender as palavras, uma vez que, desde o nascimento, pouco a pouco, o indivíduo adquire a leitura de mundo. Entretanto, a leitura de mundo se completa com a palavra escrita. Dessa forma, começamos a compreender que a leitura, como afirma Martins (2006), é feita a partir de um diálogo entre o leitor e o objeto lido, e que esse objeto pode ser de caráter escrito, sonoro, gestual, uma imagem ou até mesmo um acontecimento.

Assim sendo, Martins define a leitura como “um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem” (Martins, 2006, p. 30). Rildo Cosson (2014, p. 36) corrobora com essa definição, quando afirma:

[...] ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto. (Cosson, 2014, p. 36)

Cosson mostra que é fundamental combinar esses quatro elementos para descortinar um “processo único e contínuo” de leitura. No entanto, o texto, oral ou escrito, é o principal integrante nesse processo, uma vez que ler é “um processo de decifração do texto, de decodificação daquilo que o texto diz.” (Cosson, 2014, p. 37). Além disso, conforme essas teorias, o processo de leitura se dá na relação do leitor com o texto, pois como afirma Chartier, “a leitura não é uma invariante his-

tórica – mesmo nas suas modalidades mais físicas –, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer, das concepções da individualidade” (Chartier apud Cosson, 2014, p. 38).

Em síntese, a leitura é um processo cognitivo, histórico, cultural e social de construção de sentidos. O leitor deve estar ciente de que o escritor do texto tem suas intenções, mas, que este conta com o leitor para ser um coautor a partir das escolhas que serão feitas ao ler o texto e para ler o texto. Nesse sentido, a epígrafe de um documento da Câmara Setorial do Livro e da Comunicação Gráfica, um dos órgãos consultivos do Sistema MinC, Ministério da Cultura diz que “Não há nação desenvolvida que não seja uma nação de leitores”. Posto isso, o documento defende que o hábito de leitura não tem correspondência direta com o índice de alfabetização, pois exige do leitor uma aproximação ímpar com o texto. O documento nos faz refletir sobre a condição de acesso ao livro no Brasil – 2,4 livros per capita/ano contra 11 nos Estados Unidos e 7 na França – mas, também de iniciativas recentes destinadas a estimular o gosto ou hábito pela leitura. Vale lembrar que só poderá existir o desenvolvimento de um hábito, caso o leitor tenha acesso real aos livros, através de bibliotecas, escolas, livros virtuais, entre outros.

Segundo a 5ª edição da pesquisa Retratos do Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro (2021), há “uma redução no percentual de leitores entre 2015 e 2019”, além de continuarmos “com um patamar de quase 50% de não leitores, o que pode explicar porque, no ranking do IDH (84º lugar), estamos atrás de vários países da América Latina e caímos cinco posições entre 2018 e 2019.”

O panorama apresentado pela Retratos indica que, de 2015 a 2019, sofremos uma perda: passamos de 104,7 milhões de leitores para 100,1 milhões – uma queda de 4,6 milhões, mais acentuada nas classes A (de 76% de leitores para 67%) e B (de 70% para 63%) e entre os que cursaram o Ensino Superior (de 82% para 68%). (Saron, 2021, p. 11)

Conforme o Instituto Pró-Livro (IPL), o livro é a base para uma luta justa por equidade, pois, é através dele que temos um caminho possível para combater o analfabetismo funcional. Para abordar as questões levantadas, é essencial que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) leve em consideração as evidências de leitura, conforme mostrado pela pesquisa do IPL. Além disso, é crucial estimular iniciativas por meio das famílias, que têm um papel fundamental na formação do gosto pela leitura, a fim de criar o hábito de leitura nos 48% dos brasileiros que, segundo a pesquisa, não gostam de ler. Como ressaltado por Failla (2021, p. 24):

Se mais de 40% dos entrevistados informam, na pesquisa, que não leem porque têm dificuldades para compreender o que leem, concluímos que quatro em cada dez brasileiros com mais de 5 anos não dispõem de ferramentas básicas para o acesso ao conhecimento, à aprendizagem e para a transformação da sua situação social. (FAILLA, 2021, p. 24)

Podemos ver então que os níveis de formação que um leitor tem, provavelmente, estará atrelada a sua situação social. A análise apresentada pelo IPL (2021) mostra que, no Brasil, aquele que lê deve seu status de leitor “em geral, ao fato de ter sido privilegiado socialmente, ter nascido em uma família leitora, ter estudado em escolas com ensino de melhor qualidade, ter acesso aos livros [...]”. Outro ponto importante é que a desvalorização de políticas públicas que incentivaram a leitura, ao longo do tempo, foi

um agravante para a redução do número de leitores no território brasileiro, como podemos observar no fragmento abaixo:

O desmonte dos programas voltados à democratização do acesso ao livro, à formação de leitores, ao incentivo a projetos de leitura e à instalação de bibliotecas; o desprezo a políticas inclusivas – e, em especial, o “engavetamento” das políticas públicas do livro e leitura que definem princípios, conceitos, responsabilidades e que orientam, integram e coordenam todos esses programas e ações promovidos pelo Estado ou pela sociedade civil – já anunciavam que, por dificuldades no acesso, na sustentabilidade, no estímulo, nas ausências... teríamos impactos nos números, ao afastar os leitores dos livros e os potenciais leitores da leitura. (Failla, 2021, p. 26-27)

Devemos observar, também, nos dados da Retratos do Brasil, do ano de 2019, que apenas 52% dos brasileiros são considerados leitores e que a média de livros lidos por ano, não aumentou muito. Uma esperança para essa situação pode ser vista nos dados que apontam que crianças entre 5 e 10 anos estão lendo mais, pois houve uma elevação de 67% para 71%. Além disso, foi constatado que o percentual dessa faixa etária que é escolarizada aumentou de 82% para 86% - revelando também que elas concluíram o Ensino Fundamental I.

De acordo com o PISA, 2018, no ranking da competência em leitura, formado por 77 países, o Brasil ocupa a 57ª posição. Aproximadamente 50% dos estudantes brasileiros com 15 anos não alcançaram o nível básico de leitura. O 11º Painel do Varejo de Livros no Brasil, pesquisa realizada pela Nielsen BookScan e divulgada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL, 2021), mostra que houve um aumento de 33% em vendas de livros e registrou 43,9 milhões de livros comercializados, com o

lucro de R\$1,83 bilhões. Número maior que o de 2020, que marcou 41,9 milhões de livros vendidos com o faturamento de 1,74 bilhões. Esses números mostram que durante a pandemia o interesse do brasileiro pelos livros aumentou e nos traz expectativas para as próximas avaliações do PISA.

Antes da pandemia, o cenário do mercado editorial revelava uma situação preocupante com a crise de grandes redes de livrarias, entre elas, a Saraiva e a Cultura. O livreiro e presidente da ABL, Bernardo Gurbanov, afirma que a crise é percebida desde 2014 “(...) juntamente ao início do maior período recessivo da história econômica do país, até a chegada da pandemia da Covid-19 (...) quando entra em campo um novo fator: mais uma vez as novas tecnologias e sua influência na modelagem dos hábitos de consumo” (Gurbanov, 2021, p. 57). Os resultados da pesquisa Mercado de livros do Brasil/ Números no setor (2021), realizada pela GfK (Growth from Knowledge) e pela Associação Brasileira de Livrarias, mostram que dentro desse período pandêmico houve uma busca maior por e-books e que ocorreu uma queda na procura por livros de direito, didáticos e dicionários. Entretanto, a procura por HQ/Jogos, literatura estrangeira, ciências e temáticas sobre concurso público foram os gêneros com destaque positivo.

## Letramentos

A palavra “letramento” advém do termo inglês *literacy*, cuja etimologia refere-se ao vocábulo em latim *littera*, que significa “letra” (Soares, 2009). As duas línguas utilizaram como raiz a palavra latina e adicionaram um sufixo para nomear um novo conceito. O aparecimento da palavra foi motivado pelo avanço dos estudos sobre leitura e alfabetização.

Nesse contexto, o conceito de letramento surge para atender a uma nova compreen-

são dos processos e competências de leitura. Sobre a concepção de letramento, uma das definições mais elucidativas do termo é aquela por Ângela Kleiman, professora, pesquisadora e escritora da área da Linguística: “Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (Kleiman, 1996, p.18).

Para utilizar esse conceito com eficácia em sua prática, o professor deve ressignificar o conceito de ensino-aprendizagem tradicional e impulsionar saberes, recursos, capacidades e conhecimentos para ser um agente de letramento. Essa ação do professor, segundo Kleiman (2006), garante o empoderamento docente e estabelece ações pedagógicas que resultam na coletividade e na autonomia. Vale salientar que os agentes de letramento podem ser tanto os professores, quanto os alunos ou alguém que esteja inserido no contexto social escolar.

A competência de leitura e interpretação de textos, como também o desempenho efetivo da leitura e da escrita, que formam o letramento, deveria ser resultado ou consequência de um processo de alfabetização bem realizado. Magda Soares, em sua publicação *Alfabetização e letramento: caderno do professor*, escrito conjuntamente com Antônio Batista, similarmente explica letramento como o “conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita” (2005, p. 25).

Assim, a concepção de letramento se configura como prática social, ultrapassando o mero conhecimento da leitura e da escrita. Em resumo, o letramento é a competência de saber ler e escrever, conforme a condição

das práticas sociais que rodeiam a leitura e a escrita, as quais se entrelaçam na linguagem como fruto cultural e social. Dessa forma, percebemos que o letramento é uma prática pedagógica bastante abrangente e que inclui diversas questões: pessoais, sociais, culturais, históricas, econômicas, tecnológicas, dentre outras. O professor Rildo Cosson (2015, p. 1), listou alguns tipos de letramentos que temos até então:

Entre outras denominações, é possível listar: letramento digital (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008), letramento financeiro (BAYA; CATAÚSB; e JOHEDB, 2014), letramento informacional (WEBBER JOHNSTON, 2000), letramento científico (LAUGKSCH, 2000), letramento cultural (HIRSCH, 1983) letramento cívico (ZÁPOTOČNÁ, 2012), letramento matemático (JABLONKA, 2003), letramento visual (MESSARIS, 1994), letramento tecnológico (BYBEE, 2000), letramento em saúde (CHINN, 2011), letramento ambiental (STABLES, 1998), letramento botânico (HEMINGWAY et al., 2011), letramento genético (KAYE e KORF, 2013), letramento político (CASSEL e LO, 1997) e letramento emocional (STEINER, 1984). (Cosson, 2015, p. 1)

Para além desses, ainda temos o conceito de Multiletramentos, que segundo Mary Kalantzis; Bill Cope e Petrilson Pinheiro (2020, p. 19-20) abrange aspectos da diversidade social e da multimodalidade, sendo assim é levado em conta as múltiplas linguagens na situação de comunicação, verbal e/ou não-verbal, a pluralidade cultural, as variadas formas de elaborar um texto, considerando a heterogenia dos textos. Dessa forma, os multiletramentos possibilitam a uma intercomunicação. No texto multimodal, como no texto digital, temos letras, códigos, símbolos, imagens, sons, que convocam a interação, percepção, conhecimento do contexto local e as habilidades de compreensão.

Conforme Cosson, as estratégias para letramento nas escolas pedem a compreensão teórica sobre a linguagem, conseqüentemente, é importante sugerir atividades que incentivem as habilidades dos alunos. São exemplos de atividades de letramento:

- » Projetos de leitura;
- » Produção de textos;
- » Interpretação de textos;
- » Leitura e interpretação de imagens e obras de arte;
- » Práticas artísticas para se expressar;
- » Discussões sobre as leituras;
- » Experimentos científicos e discussões;
- » Trabalhos sobre diferentes culturas e línguas;
- » Resolução de problemas por meio da linguagem;
- » Resolução de problemas por meio dos conhecimentos matemáticos;
- » Utilização de recursos digitais para comunicação e leitura.

Além disso, também precisamos deixar claro o conceito de Letramento Digital, posto que, para haver um letramento literário na web, é necessário que haja antes o letramento digital. Esse, por sua vez, refere-se às habilidades sociais de leitura e elaboração de textos em espaços digitais (Soares, 2002). Em outras palavras, a utilização de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por aparelhos móveis, como, por exemplo, celulares e tablets, em plataformas de e-mail, redes sociais na web, entre outras.

Esse assunto tem demandado, cada vez mais, espaço nos debates educacionais, já que, desde muito cedo, os alunos entram em contato com a web e a escola necessita acompanhar esse processo. Moreira (2012, p. 3) defende que o letramento digital vai muito além de “uma tecnologia de informação adquirida ativa ou passivamente”, ou de

saber ler e escrever dentro da web, ele afirma que:

Na realidade, consiste em saber utilizar esses recursos para aplicá-los no cotidiano, em benefício do próprio usuário. Precisa-se, nesse caso, indagar o porquê de se fazer uma busca na web, ou seja, saber qual a finalidade dessa informação para a vida a fim de promover a aquisição de um (novo) conhecimento. (Moreira, 2012, p. 3)

Sendo assim, o conceito usado por Soares (2002) se encaixa aqui, uma vez que ela afirma que o letramento digital é usado para aludir à tese da habilidade de leitura e escrita facilitada pelo computador e pela internet.

## Letramento literário

O Letramento Literário pode ser definido como a construção do sentido a partir da literatura enquanto linguagem. Paulino (1998, p.16 apud Pinheiro 2006, p. 28), define o letramento literário como “uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela”. Na mesma esteira de raciocínio, Ramos (2019, p. 31) complementa que o “Letramento literário desempenha papel central em um sistema educacional que está empenhado em uma formação, sobretudo, humana.” Dessa forma, é possível afirmar que, ao trazer atividades de letramento literário para a sala de aula, o universo, que até então era conhecido pelos alunos, será expandido. Logo, a competência de compreensão desse estudante será aprimorada e novos conhecimentos linguísticos surgirão. Esse panorama pode ser confirmado através da avaliação do PISA (2018, p. 45) sobre o letramento, de modo geral:

O letramento em Leitura inclui uma ampla variedade de competências cognitivas, desde a decodificação básica ao conhecimento das palavras, da gramática e das estruturas

e características linguísticas e textuais mais amplas, até o conhecimento de mundo. Também inclui competências metacognitivas: a consciência e a capacidade de usar uma variedade de estratégias apropriadas ao processar textos (Pisa, 2018, p. 45).

Especificamente, segundo Ramos (2019, p. 26-27), “a literatura na escola, quando significativa para os estudantes, têm grande valor na formação, não só do leitor, mas, sobretudo, do indivíduo, pois o texto literário possui um caráter humanizador que lhe é intrínseco.” Sendo assim, o letramento literário é uma porta aberta para um olhar mais crítico sobre o mundo e as questões sociais e individuais que este apresenta, uma vez que é através da leitura que conseguimos observar o passado, entender o presente e mudar o futuro. A leitura pode ajudar o indivíduo a não fazer julgamentos prévios e pode levá-lo a ler melhor as situações que lhe são apresentadas, assim como defende Cosson (2018, p. 30) “é justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo”.

Nesse sentido, podemos ver que o letramento literário é um processo em que o indivíduo pode expandir sua condição de leitor crítico, mas que, como todos os processos educacionais, é complexo. De acordo com Ramos (2019, p. 49), “muitos alunos sentem dificuldade em entender o que leem [...]. Essa sensação de impotência diante do texto escrito cria esse afastamento, pois nenhum leitor investirá em uma leitura para a qual não consegue atribuir sentido.” Tal situação cria uma aversão por parte de muitos alunos, com relação às atividades de leitura. Posto isso, é de suma importância que o educador utilize o universo do discente, como foi defendido por Paulo Freire (2011) e a partir disso, trabalhe no sentido de favorecer a ampliação dos gostos e conhecimen-



tos literários dos estudantes, motivando-os a buscar novas leituras. Sobre este ponto, Cosson (2016, p. 47-48) destacou:

É necessário que o ensino de literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. (Cosson, 2016, p. 47-48)

Teresa Colomer (2007, p. 31) afirma que “o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade”. A literatura fomenta a humanidade do ser, além de colaborar para a compreensão e enfrentamento de situações sociais diversas. O professor que está na sala de aula do ensino básico tem como obrigação cidadã levar ao aluno o ensino de literatura para além do simples exercício de interpretação.

As propostas da *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), enfatizam a ideia de instituir um processo de aprendizagem a partir da diversidade cultural, propondo, inclusive, à inserção da tecnologia nas metodologias de aprendizagem. Numa das seções denominadas Campo artístico-literário da referida Base, o documento sugere a seguinte atividade prática:

(EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, blogs e podcasts literários e artísticos, playlists comentadas, fanzines, e-zines etc.) (Mec, 2018, p. 526).

Brasileiros passam cerca de 10h19min. on-line diariamente, ficando entre os países que mais passam tempo na internet, segundo a pesquisa Digital 2022: Global Overview Report, publicado pelo site Datareportal.

Nessa perspectiva, a BNCC traz também propostas sobre a inclusão do letramento digital de literatura na seção *Competências Específicas De Linguagens E Suas Tecnologias Para O Ensino Médio*.

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e desaprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (Mec, 2018, p. 490).

Contudo, o que se vê, geralmente, na sala de aula, são reproduções de aulas tradicionais, padronizadas e que resumem o processo de aprendizagem à abordagem única de apresentação de cânones, interpretações de fragmentos literários, exposições de autores e contextos históricos. Nesse sentido, as aulas de literatura são planejadas a partir de metodologias alicerçadas na abordagem de aspectos formais de determinada obra e autor, que acabam por deixar em segundo plano a análise crítica que poderia envolver o estudante em situações de ensino mais significativas, de modo que ele se sentisse instigado a conhecer mais sobre o assunto, o livro abordado ou o autor, ao término da aula.

A literatura é um dos conteúdos mais antigos dos currículos brasileiros do ensino básico, entretanto, não ocupa o status de disciplina independente nas diretrizes governamentais brasileiras ou nas práticas cotidianas da escola. A validade de sua presença nos conteúdos da sala de aula está vinculada aos programas de língua portuguesa, uma vez que envolve uma relação de subordinação a outros temas, como análise linguística ou produção textual. Atualmente, essa subordinação se dá, quase que exclusivamente, em função das provas de acesso ao

ensino superior (Enem e vestibulares), nas quais a leitura literária prevista pouco se diferencia da leitura de textos referenciais.

## Leitura na web

A história da humanidade é marcada pela forma como nos expressamos. No princípio, usávamos desenhos em rochas e cavernas; com o passar dos anos, vieram os pergaminhos e papiros, as cartas em papel e hoje temos notebooks, tablets e smartphones.

Diante da grande evolução tecnológica proporcionada pela internet e de seu amplo alcance, é importante que as instituições de ensino, especialmente aquelas que trabalham com crianças e adolescentes, utilizem a web para favorecer os letramentos e a ampliação da capacidade de atribuir significados. Burlamaque (2016, p. 63) apontou que:

Segundo Antônio Carlos Xavier (2011), hoje as crianças e adolescentes têm se tornado letradas digitalmente independentemente da escola e das instituições de ensino. Para essa geração, o “transitar” pelas práticas de escrita e leitura é quase como aprender a andar e falar. Na maior parte das vezes, esperam que o seu modo de ler o mundo seja contemplado no ambiente escolar, o que nem sempre ocorre, já que o sistema de ensino pode apresentar lentidão para acompanhar as mudanças da sociedade. (Burlamaque, 2015, p. 63)

O alcance da cultura digital vem crescendo, continuamente, desde que esta tem se tornado, cada vez mais, acessível para a população, em geral. De acordo com o Instituto Pró-Livro, em sua pesquisa intitulada Retratos do Brasil, feita em 2019 e publicada em 2020, 25% dos entrevistados passaram a se interessar por livros através do contato com influenciadores digitais (Failla, 2020, p. 112). Nesse cenário, temos a informação de que 37% desse número são adolescentes de 14 a 17 anos (Failla, 2020, p.

113). A pesquisa também indicou que 4% dos leitores de literatura e 3% dos leitores de livros leram porque algum bookinfluencer lhes indicou uma leitura (Failla, 2020, p. 118). Outro dado importante que a pesquisa traz é que 29% dos leitores de literatura compartilham as suas impressões nas redes (Failla, 2020, p. 124). Além disso, 3% dos entrevistados afirmaram que compram livros influenciados pelos influenciadores digitais (Failla, 2020, p. 135).

O IPL(2019, p. 113) revelou uma pequena porcentagem para a influência da web na leitura dos brasileiros, apenas 25% dos 4894 entrevistados, esses números parecem continuar crescendo e esse movimento deve ser observado. Diante da frequente afirmação popular de que “o brasileiro não lê” e da preocupação com o impacto negativo da internet no hábito de leitura, é crucial uma reflexão embasada sobre os conceitos envolvidos nessa discussão. Essas percepções refletem diretamente a compreensão predominante de leitura e suas motivações subjacentes, muitas vezes fundamentadas em visões simplificadas ou estereotipadas.

Ribeiro (2006, p. 587) questiona “que leitura estamos considerando, nas entrelinhas, quando afirmamos o que afirmamos?” e atesta que “certamente, não se está falando em todo tipo de revista, jornal ou narrativa impressa. Não se está considerando gêneros primários de texto (Schneuwly, 2004) e nem tratando de textos não-verbais, como programas de televisão e filmes de longa-metragem.”

Decerto, ao colocar que os brasileiros não leem, estamos desconsiderando todo o tipo de leitura que não seja a clássica, consagrada e impressa. Atualmente, a concepção de leitura vai muito além de uma publicação canônica e física. É possível afirmar que o leitor da web lê o tempo inteiro, uma

vez que o texto é a sua principal forma de comunicação. “Se considerarmos que a web tem o texto como um dos componentes mais importantes da interface, o leitor de telas lê o tempo todo, embora nem sempre tome contato com Émile Zola ou Machado de Assis entre os hiperlinks que deseja navegar.” declara Ribeiro (2006, p. 587).

Por isso, é importante que o aluno saiba analisar, criticamente, o que chega a ele através da internet, uma vez que os grandes sites utilizam algoritmos que bombardeiam seus usuários com variadas informações, todas ao mesmo tempo. Silva (2016, p. 3) nos lembra que “hoje, a escola não é mais a única a disseminar o conhecimento e, com isso, alteraram-se definitivamente as relações de poder entre os atores sociais presentes nesse espaço, pois o professor deixa de ser a única fonte de informação e de conhecimento para os aprendizes”. Sendo assim, é ainda mais importante que a escola tenha o cuidado de preparar esses estudantes para lidar com essas situações e para interpretar os textos verbais ou não-verbais a que tem acesso.

Silva (2016, p. 6) ainda sustenta que “o fato é que o acesso e a publicação de conteúdos por qualquer pessoa que saiba usar as ferramentas disponíveis na web implica, em termos educacionais, revermos o que significa, no século XXI, ensinar e aprender”. Além desse questionamento sobre a forma de aprender, lembramos o que afirma Pereira (2005, p. 17) quando alerta para o perigo de apenas lidar com uma grande quantidade de informações: “precisamos dominar a tecnologia para que, além de buscarmos a informação, sejamos capazes de extrair conhecimento”. Sendo assim, entendemos que a utilização de perfis e de conteúdos da web na sala de aula se justifica pelo fato de promover a competência de compreensão, para além do consumo de informações.

Ainda, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, apenas metade da população afirma conhecer o livro digital, e esse quadro não muda há quase uma década. Os resultados coletados em 2019 apontam que “47% da amostra afirmou que nunca havia ouvido falar de livro digital. Esse percentual se mantém desde 2012, quando 45% da amostra afirmou nunca ter ouvido falar em livros digitais, o que gera uma certa preocupação” (Endo, 2021). Além disso, foi apresentado que apenas 37% daqueles que já conheciam os ebooks haviam lido algum (Instituto Pró-livro; Itaú Cultural, 2020).

Entretanto, com o aumento da comercialização de e-books, durante o período da pandemia, podemos afirmar que a COVID-19 acelerou o processo de adoção da leitura digital. Com base nos dados da pesquisa Conteúdo Digital do Setor Brasileiro, na edição de 2021, que utilizou como ano base, 2020, aponta que houve um aumento de 81% no consumo de literatura digital, sendo 8% composto por audiobooks, o que nos mostra uma outra tendência de adoção dentro da web.

As mídias sociais passaram a ter um papel, cada vez mais, importante como interface entre leitores, editoras, autores e, também, com as obras. *Booktubers*, *podcasters* e influenciadores na área da literatura marcaram presença no ano de 2020, dentro das redes sociais e, de certa forma, substituíram os eventos presenciais. A adaptação a esse contexto representou outro desafio para os leitores durante a pandemia, conforme destacado pelo mercado, como afirmou Maju Alves, responsável pelos projetos especiais do portal Publishnews, ao discutir sobre a rede TikTok.

a relação pessoal que o TikTok constrói com o público é o que faz diferença e o sucesso de muitos livros. A diferença é que no app, as re-

comendações são muito pessoais e contam com muita emoção. Isso faz com que as pessoas se identifiquem e, assim, os livros atingem muitas outras pessoas. (Facchini, 2021).

É importante salientar que havendo, efetivamente, um avanço no acolhimento do livro digital entre o público leitor, isso pode resultar na democratização do acesso aos livros e à informação e, também, em uma ampliação dos letramentos.

Dentro da web, muitas pessoas sonham em se tornar influenciadores digitais, ou seja, desejam influenciar outras pessoas por meio do conteúdo digital que escolhem. O termo *influencer* digital se refere àquelas pessoas que se destacam nas redes e que possuem a capacidade de mobilizar um grande número de seguidores, pautando opiniões e comportamentos e, até mesmo, criando conteúdos que sejam exclusivos (Silva; Tessarolo, 2016, p.5). A divulgação da rotina íntima, dos pensamentos e das preferências de cada um desses influencers desperta curiosidade e extremo interesse,

ao ponto de seus comportamentos gerarem significativo impacto em determinados temas. (de Souza; Simas, 2018, p. 21).

Dentro desse movimento, há diversas áreas de atuação e dentre elas, temos os *bookinfluencers*. Esses influenciadores se destacam pela produção de conteúdo literário, cujo principal objetivo é levar o conteúdo sobre livros para os seus seguidores de forma interativa. O espaço de atuação são as redes sociais, *Instagram e TikTok*, e o *Youtube*. O ponto alto desse tipo de atuação literária é o fato dos *bookinfluencers* trazerem conteúdo sobre os gêneros literários variados, bem como diversos tipos de conteúdo. Como foco de nossa pesquisa, fizemos uma seleção de perfis, por local de atuação. O critério utilizado para a seleção desses perfis foi a constância das publicações, tempo de atuação no segmento (mais de 5 anos para Youtube; 2 para Instagram; 1 para o TikTok), além da quantidade de seguidores (maior que 10 mil para o Instagram; 100K para o TikTok e Youtube).

**Quadro 1** – Listagem dos *bookinfluencers* utilizados

YouTube	Instagram	TikTok
Kabook TV	Sobre um Livro	Izabela Lopes (@bellslopes)
Perdido nos Livros	Queria Ser Alice	Tiago Valente (@otiagovalente)
Ju Cirqueira	Books da Fer	Patrick (@patzzic)
Literature-se	Retipatia e Livro	Rodrigo de Lorenzi (@rodrigodelorenzi)
Tatiana Feltrin		Gabriela (@zomerela)
Vá Ler Um Livro		

Fonte: Criado pela autora, 2022

Para realizar a análise desses perfis, foi criado um roteiro com quatro aspectos. São estes:

- A. Identificação do Perfil;
- B. Ligação com a área da educação ou das humanidades (outras áreas do conhecimento como jornalismo, psicologia, etc.);
- C. Tipo de postagens;
- D. Alcance e número de seguidores.

A partir dos dados observados, foi possível perceber a importância de cada perfil para o crescimento do gosto pela leitura no Brasil, uma vez que o principal diferencial desses perfis é a originalidade. É válido mencionar que mesmo não sendo pessoas diretamente ligadas à educação, há um esforço dos bookinfluencers em captar mais leitores e ajudar mais pessoas a ampliar seu letramento. A partir das leituras recomendadas por esses profissionais, e também, por suas críticas e entendimentos compartilhados em suas redes, aqueles que os seguem passam a observar e analisar suas próprias leituras de outras formas. Esse movimento faz com que aumente a criticidade do leitor aos diversos aspectos para a decodificação de um livro. A quantidade de pessoas alcançadas por esses perfis é muito significativa, já que a maioria tem mais de 100K de seguidores. Foi possível constatar que as redes sociais, conseguem chamar a atenção dos adolescentes e incentivá-los através de uma linguagem que comunga com a que eles usam entre si.

As redes sociais permitem que os internautas se posicionem e conversem entre si sobre os livros que gostaram ou não, além de se identificarem com os assuntos tratados nos vídeos e/ou resenhas, experimentando assim, a oportunidade de se expressar sem estar presos a regras e normas. Por meio dos comentários é possível observar

que a comunidade bookstan se empenha e se doa ao livro, mesmo sendo um clássico de linguagem mais rebuscada. Podemos observar que ao serem cativados pelos bookinfluencers, os leitores podem deixar de lado quaisquer reservas e se lançar na leitura sugerida, descobrindo o que despertou seu interesse inicial e os motivou a desejar essa experiência literária.

Aliado a essa liberdade de expressão propiciada pelas redes, a influência dos bookinfluencers não fica apenas na web. Toda essa empolgação literária é levada para a vida real através de eventos, encontros, clubes de leituras e muitas outras ideias literárias que surgem como uma maneira de compartilhar, presencialmente, o gosto pela leitura.

É perceptível, também, que as redes literárias permitem que o leitor se expresse da maneira que achar melhor. Não é raro que na internet haja discussões sobre a literatura clássica, pirataria de livros, principalmente, os nacionais. Em grande parte das salas de aula, o estudante acaba ficando restrito aos questionamentos feitos pelo professor, mas, nas redes não existem essas restrições, o que facilita o pensamento crítico. Podemos afirmar que a web trouxe os leitores para o convívio da comunidade, através da influência dos bookinfluencers. Eventos como a Bienal, FLUP (Festa Literária das Periferias) e FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) recebem mais visitantes justamente pela relação afetiva que os internautas constroem com seus respectivos influenciadores.

No contexto educacional contemporâneo, o letramento literário vai além da simples habilidade de ler e compreender textos; envolve o desenvolvimento de competências críticas, criativas e colaborativas relacionadas à literatura. Com o advento da tecnologia e o uso generalizado das mídias

digitais, torna-se fundamental adaptar estratégias de letramento literário para engajar os alunos de maneira significativa e relevante. Neste sentido, explorar atividades que integram a literatura ao ambiente online e às práticas culturais contemporâneas pode despertar o interesse dos estudantes e enriquecer sua experiência de aprendizado.

A seguir, apresentaremos uma variedade de atividades de letramento literário adaptadas para a sala de aula, com foco na interação com a web e nas novas formas de expressão e participação literária. Desde a criação de fanfics inspiradas em obras clássicas até a exploração dos elementos visuais e sensoriais dos livros, essas atividades visam não apenas promover a leitura, mas também estimular a criatividade, o pensamento crítico e a colaboração entre os alunos. Vamos explorar cada uma dessas estratégias em detalhes, destacando sua importância no contexto atual da educação e seus benefícios para o desenvolvimento integral dos estudantes.

1. **Criação de Fanfics e Adaptações Literárias:** Além das fanfics inspiradas nos livros do currículo, os alunos podem ser incentivados a criar adaptações literárias, como roteiros para peças teatrais ou argumentos para curtas-metragens baseados nos temas e personagens das obras estudadas. Essa abordagem estimula a criatividade e o pensamento crítico ao explorar diferentes formas de expressão artística.
2. **Análise da Estrutura e Design dos Livros:** Os alunos podem pesquisar e discutir sobre a estruturação física dos livros, incluindo aspectos como escolha da capa, tipo de fonte e papel utilizado. Esta atividade permite aos estudantes refletir sobre como

o design influencia a experiência de leitura e interpretar o conteúdo para além do texto escrito, incorporando elementos visuais e sensoriais.

3. **Leitura Conjunta e Comparativa:** Os alunos podem participar de uma leitura conjunta de dois livros: um indicado pelo professor e outro escolhido pelos próprios alunos. Após a leitura, promove-se uma comparação entre as obras, incentivando a análise crítica e a troca de opiniões sobre diferentes estilos literários e abordagens narrativas.
4. **Exploração de Gêneros Literários:** Propor aos alunos a exploração de diversos gêneros literários, incluindo ficção científica, romance histórico, poesia contemporânea, entre outros. Os estudantes podem ler e discutir obras representativas de cada gênero, identificando características distintas e ampliando seu repertório literário.
5. **Gincanas Literárias e Perfil Literário Online:** Realizar gincanas temáticas que incentivem os alunos a trazer elementos dos bookinfluencers para sua realidade escolar, como a criação de perfis literários nas redes sociais da classe. Os estudantes podem compartilhar resenhas, recomendações de leitura e promover discussões sobre livros, criando uma comunidade de leitores dentro do ambiente escolar.
6. **Entrevistas com Autores ou Booktubers:** Promover a interação dos alunos com autores renomados ou booktubers através de entrevistas virtuais. Os estudantes podem preparar perguntas sobre os processos criativos, inspirações e experiências relacionadas à escrita e à promoção da leitura na era digital.

7. Essas atividades visam não apenas fortalecer o letramento literário dos alunos, mas também cultivar um ambiente dinâmico e participativo de aprendizado, onde a literatura se torna uma ferramenta poderosa para estimular a imaginação, o pensamento crítico e a expressão criativa.

## Considerações finais

Para que novas estratégias possam ser implementadas na sala de aula, é fundamental considerar a importância de trazer da esfera das redes literárias para o ambiente escolar a criatividade e a liberdade de expressão. Estas são ferramentas essenciais que permitem aos estudantes opinar criticamente sobre os livros selecionados para leitura. São abordagens que visam renovar os métodos de ensino da literatura, tornando a experiência de leitura algo mais do que uma obrigação de consumir um clássico literário. Muitas vezes, o desinteresse ou desconforto dos estudantes em relação a um livro não está na obra em si, mas sim na forma como ela é abordada em sala de aula. Essas estratégias promovem um ambiente educacional mais inclusivo e engajador, permitindo que os alunos explorem diferentes perspectivas, interpretações e formas de se relacionar com a literatura. Ao estimular a criatividade e a expressão crítica, os estudantes desenvolvem habilidades de letramento literário de forma mais significativa e pessoal, o que contribui para uma maior apreciação e compreensão do mundo literário.

Um exemplo pode ser visto na novela, exibida pela Rede Record, *Rebelde* (2011/12), uma vez que o cenário era uma escola e era possível observar o dia a dia dos adolescentes em suas aulas. Uma das disciplinas recorrentes era a de literatura, na qual o professor conduzia debates sobre o tema do livro com

os alunos, despertando curiosidade e vontade de discutir o livro mesmo antes da leitura. Isso estimulava tanto os alunos presentes na sala de aula quanto os telespectadores que acompanhavam em casa pela televisão. “Rebeldes” tornou-se um fenômeno nacional, e as aulas de literatura e a abordagem didática do professor Vicente eram muito desejadas pelos telespectadores.

Dessa forma, entendemos que uma das condições necessárias para a mudança nas aulas de literatura é fazer com que o aluno se sinta pertencente a esse espaço de debate literário. Para que atividades como as que foram citadas no decorrer do texto se tornem mais utilizadas, a formação dos profissionais em Letras deveria contemplar disciplinas voltadas para as teorias da leitura, com ênfase nos letramentos.

Gostariamos de reafirmar que é possível transformar o letramento tradicional, que é utilizado em sala de aula, para um que seja mais receptivo aos alunos. Observando a comunidade bookstan, descobri que o ato de ler pode ser muito mais significativo do que imaginamos e que a abordagem criativa pode instigar, nas pessoas, o hábito pela leitura.

## Referências

- Associação Nacional Das Livrarias (ANL); GfK. Mercado do livro no Brasil/ Números do setor. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.anl.org.br/v1/numeros-do-setor/>>. Acesso em 11 mai. 2022.
- Brasil. Ministério da Educação (MEC). Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)> Acesso em 12 mai. 2022.
- Brasília/df. Inep. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Org.). Relatório Brasil No Pisa 2018: Versão Preliminar. 2019. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/docu-](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/docu-)

- [mentos/2019/relatorio\\_PISA\\_2018\\_preliminar.pdf](#)>. Acesso em: 07 mai. 2022.
- BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; Barth, Pedro Afonso. Redes sociais e o ensino: o skoob como ferramenta para o letramento digital e literário. *Nuances: estudos sobre Educação*, v. 26, n. 3, p. 53-73, 2015.
- Câmara Brasileira Do Livro (cbl); Sindicato Nacional Dos Editores De Livro (snel); Nielsen. Pesquisa produção e vendas no setor editorial brasileiro. São Paulo, 2020. Disponível em <<https://snel.org.br/pesquisas/>>. Acesso em 11 mai. 2022.
- Cbl; Snel; Nielsen Book. Conteúdo digital do setor editorial brasileiro – 2020. Disponível em: <[https://snel.org.br/wp/wpcontent/uploads/2021/07/APRESENTACAO\\_-\\_Pesquisa\\_Conteudo\\_Digital\\_ano-base\\_2020.pdf](https://snel.org.br/wp/wpcontent/uploads/2021/07/APRESENTACAO_-_Pesquisa_Conteudo_Digital_ano-base_2020.pdf)>. Acesso em: 11 mai. 2022.
- COLOMER, Teresa. Andar entre livros. A leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: uma localização necessária. *Letras & Letras*, v. 31, n. 3, p. 173-187, 2015.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- DA SILVA, Edna Marta Oliveira. O letramento crítico e o letramento digital: a web no espaço escolar. *Revista X*, v. 2, n. 1, 2016, 2016.
- Datareportal Digital 2022: Brazil. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>>. Acesso em: 12 mai. 2022.
- De Souza Simas, Danielle Costa; De Souza Júnior, Albefredo Melo. Sociedade em rede: os influencers digitais e a publicidade oculta nas redes sociais. *Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias*, v. 4, n. 1, p. 17-32, 2018.
- Endo, W. Olhar digital – Um mapa editorial para avalia a presença do livro digital no Brasil. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 44o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais... Virtual: 2021.
- FACCHINI, T. O senso de comunidade: a chave de sucesso para o varejo de livros. Publishnews. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2021/09/15/o-senso-de-comunidade-a-chave-do-sucesso-para-o-varejo-de-livros>>. Acesso em: 11 mai. 2022.
- FAILLA, Zoara. O acesso à leitura no Brasil – os recados dos “retratos da leitura”. *Retratos da leitura no Brasil*, v. 5, 2020.
- IORE, Ottaviano de (s. d.), Livro, Biblioteca e Leitura no Brasil. Disponível em: <<http://www.ebookcult.com.br/ebookzine/livrobibliotecaeleituranobrasil.htm>>. Acesso em: 09 mai. 22.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Questões da Nossa Época; 22).
- GURBANOV, Bernardo. Mais respiradores e menos tributos para as livrarias do Brasil. In: Louzada, Daniel (org). *Livros para todos: ensaio sobre a construção de um país de leitores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.
- KLEIMAN, Ângela. Letramento em verbete: O que é letramento? *Presença pedagógica* v.2, nº10, 1996.
- KLEIMAN, Angela B. Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento social. *Filologia e linguística portuguesa*, n. 8, p. 409-424, 2006.
- KLEIMAN, Angela B. Preciso “ensinar” o letramento. Não basta ensinar a ler e a escrever, v. 1, 2005.
- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura? São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos; 74).
- MOREIRA, Carla. Letramento digital: do conceito à prática. *Anais do SIELP*, v. 2, n. 1, p. 1- 15, 2012.
- PEREIRA, J. T. Educação e Sociedade da Informação. In: Coscarelli, C. V.; Ribeiro, A.E. (orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. pp.13-24.
- PINHEIRO, Marta Passos. Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”. 2006. 306 f. Tese (Doutorado) - Curso de



Educação, Faculdade de Educação da Ufmg, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA83LR5X/1/2000000110.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2022.

RAMOS, Gleidson Azevedo. Leitura Literária na biblioteca escolar: Uma proposta de revitalização. 2019. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa. Seis clichês e uma sugestão sobre a leitura na web. Linguagem em (Dis) curso, v. 9, p. 585-602, 2009

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade: Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.

SOARES, Magda Becker; Batista, Antônio Augusto Gomes. Alfabetização e letramento: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128p.

*Recebido em: 02/03/2024*

*Aprovado em: 16/05/2024*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.